

Desaprender/dispensar para, enfim, re-aprender-com Silviano Santiago

Desaprender/dispensar para, finalmente, re-aprender con Silviano Santiago

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹

Edgar César Nolasco²

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir os conceitos de não-modernos (MIGNOLO, 2017) e epistemicídio (MENESES; SANTOS, 2010) à luz da crítica biográfica fronteira e na esteira do ensaio intitulado “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014) do escritor e crítico latino-brasileiro homossexual Silviano Santiago. Para tal, valeremo-nos, dentre outros, dos intelectuais Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses e Walter Mignolo no intento de fundamentarmos um pensamento *outro*, de cunho fronteira-pós-abissal, projetado a partir das bordas das exterioridades e entremeado pela premissa de um desaprender/dispensar (SANTOS, 2019) ou aprender a desaprender (MIGNOLO, 2008) para, então, re-aprender-com (SANTOS, 2019) nosso *divíduo* e aliado *hospitaleiro* (PESSANHA, 2018) Silviano. Portanto, atravessados pela perspectiva de uma autorreflexividade (SANTOS, 2019) corroborada, sobremaneira, pelo intelectual citado, incidiremos sobre nossas próprias trajetórias pessoais a possibilidade de questionarmos aquilo que aprendemos ou, como explicita Boaventura de Sousa Santos (2019), *muito do que aprendemos sobre como aprender*, em especial, enquanto não-modernos, latinos, brasileiros e homossexuais fronteirizos.

Palavras-Chave: Crítica biográfica fronteira; Silviano Santiago; Epistemicídio; Não-modernos.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir los conceptos de no-modernos (MIGNOLO, 2017) y epistemicidio (MENESES; SANTOS, 2010) a la luz de la crítica biográfica fronteriza y de acuerdo con el ensayo titulado “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014) del escritor y crítico homosexual latino-brasileño Silviano Santiago. Para eso, utilizaremos, entre otros, los intelectuales Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses y Walter Mignolo en un intento de fundamentar un pensamiento *otro*, de carácter fronterizo-post-abismal, proyectado desde los bordes de las exterioridades e intercalado por la premisa desde desaprender/dispensar (SANTOS, 2019) o aprender a desaprender (MIGNOLO, 2008) para luego reaprender-con (SANTOS, 2019) nuestro *divíduo* y aliado *hospitaleiro* (PESSANHA, 2018) Silviano. Por tanto, atravesado por la perspectiva de la autorreflexividad (SANTOS, 2019) corroborada, sobre todo, por el citado intelectual, centraremos en nuestras propias trayectorias personales la posibilidad de cuestionar lo aprendido o, como dices Boaventura de Sousa Santos (2019), *gran parte de lo aprendido sobre cómo aprender*, especialmente como no-modernos, latinos, brasileños y homosexuales fronterizos.

Palabras claves: Crítica biográfica fronteriza; Silviano Santiago; epistemicidio; no-modernos.

¹ Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

Este trabalho se assenta no desaprender/despensar (SANTOS, 2019) para, enfim, re-aprender-com (SANTOS, 2019) o escritor e ensaísta latino-brasileiro e homossexual Silviano Santiago partindo das vias do epistemicídio (MENESES; SANTOS, 2010) de nós, não-modernos (MIGNOLO, 2017), em direção às teorizações epistemológicas sul-fronteiriças enquanto saída crítico-sensível no pleitear de futuros globais descolonizados sendo esses, portanto, mais justos e igualitários para *todas* as vidas, *loci*, saberes, pensamentos, afetos, desejos e sensibilidades assentados na perspectiva de uma co-presença-existência radical (SANTOS, 2010), latente e pulsante pós-abissal.

Para isso, ademais aos amigos-aliados os quais evocaremos, valeremo-nos do texto “A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo” (2014) do nosso divíduo (PESSANHA, 2018) Silviano publicado no jornal “Folha de São Paulo”. O ensaio foi apresentado no “III Colóquio do NECC: entrelugares pós-coloniais”, em 2014, na nossa Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por convite do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC), o qual somos integrantes. No colóquio citado, o texto recebeu o título de “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial (depoimento)” e foi proferido na modalidade “conferência de encerramento” para um anfiteatro lotado. *Pari passu* à conferência, houve o lançamento do *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Silviano Santiago: uma homenagem*.

Dito isso, o texto supracitado de Silviano nos é necessário justamente por se roçar sensível-epistemicamente com as nossas teorizações/*modus vivendi/operandi* no angariar de possibilidades *outras*, fronteiriças, pós-abissais ou até mesmo pós-coloniais (sendo essa a rubrica utilizada pelo mineiro, ainda que nela não nos respaldemos) de ser, estar, pensar e escre(vi)ver a partir das margens terceiro-mundistas, seja de maneira epistêmica e/ou geoistórica. Silviano, na condição de bolsista de doutoramento em Paris nos idos de 1961, é contaminado pelo vírus colonial lusitano que passa a afetá-lo no dia a dia europeu (SANTIAGO, 2014). No entanto, nosso duo-bipolar dá a esse vírus um trato afetivo e crítico (haja vista que, em maior ou menor grau, a França integrou indiretamente sua formação acadêmica-intelectual-literária). Para ele, o afeto-crítico foi a condição para que não se imunizasse com a vacina e, por consequência, *com o corpo tomado por virose pós-colonial, Silviano delira* (SANTIAGO, 2014, s/p).

Dado o intento metafórico exposto, entrevemos que o delírio pós-colonial de Silviano e a recusa à suposta vacina possibilitada pelas hegemonias modernas se abalizam, justamente, nas práticas de (auto)reflexidades (SANTOS, 2019) do mineiro ao não permitir ser integrado, tampouco, tolerado pelo eurocentrismo que o permeava naquele momento. Ao delirar com o vírus pós-colonial imbricado em seu corpo, ou fronteiro-pós-abissal da nossa óptica, tanto Silviano quanto nós aprendemos a desaprender (MIGNOLO, 2008) para re-aprender-com (SANTOS, 2019) compreendendo que temos problemas modernos para os quais não possuímos soluções modernas (SANTOS, 2010). Portanto, no tocante à América Latina e ao Brasil, amplamente impressos nas escrevivências literárias-ensaístas do mineiro, percebe-se que as teorias viajantes/itinerantes do Norte não servem, em totalidade, para as celeumas incutidas no Sul a partir do qual pensamos, existimos, sobrevivemos e escre(vi)vemos habitando as bordas das exterioridades não-modernas, por excelência.

Referências

MENESES, M. P.; SANTOS, B. de S. Introdução. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27. (Capítulo de Livro)

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso: 01 out. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 01 out. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

PESSANHA, J. G. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018. (Obra Completa)

SANTOS, B. de S. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Montivideo: Ediciones Trilce, 2010. (Obra Completa)

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83. (Capítulo de Livro)

SANTOS, B. de S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Obra Completa)

SANTIAGO, S. A literatura brasileira à luz do pós-colonialismo. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/09/1511606-a-literatura-brasileira-a-luz-do-pos-colonialismo.shtml>. Acesso: 01 out. 2020. (Artigo em Jornal Digital)